

Filhos de *dekasseguis*: estrangeiros no lar

Dekasegi children: foreigners at home

Hijos de *dekasseguis*: extranjeros en el hogar

Cizina Célia Fernandes Pereira RESSTEL¹

José Sterza JUSTO²

Resumo: A proposta geral deste estudo elegeu, como objeto de investigação, a experiência de três meses, da pesquisadora, no Japão, em 2012, como psicóloga realizando atendimentos a filhos de *dekasseguis* e também a seus pais, dentro de um programa de cooperação internacional desenvolvido em escolas. A queixa principal era de problemas de aprendizagem e adaptação escolar apresentados pelos filhos dos *dekasseguis*. O objetivo específico da pesquisa foi promover uma leitura dessa experiência de trabalho, com base no método psicanalítico, baseada na análise e interpretação da transferência e contratransferência. Para tanto, apresentamos um estudo de caso de uma adolescente de 13 anos, que migrou em tenra idade para o Japão. As crianças e os adolescentes têm sido os mais vulneráveis nesse processo migratório. Mesmo junto às suas famílias, se deparam diariamente com sofrimentos emocionais diversos decorrentes das barreiras da língua estrangeira e das fricções culturais, que vão refletir na escola e na convivência familiar e, assim, produzir sentimentos de estranhamento, como se fossem estrangeiros no próprio lar.

Palavras-chave: Filhos de *dekasseguis*. Migração. Estrangeiro. Psicanálise.

Abstract: The general purpose of this study has elected as an object of investigation a three-month experience of the researcher in Japan in 2012 as a psychologist, treating *dekasegi* children as well as their parents, as a part of an international cooperation program developed in schools. The main complaint was issues with school adaptation and learning identified in *dekasegi* children. The specific objective of this study was to promote the reading of this work experience based on a psychoanalysis method, i.e., analysis and interpretation of transference and countertransference. For so, we have presented a case study of a 13-year female teenager and transferred to Japan when younger. The children and adolescents, who have been the most vulnerable ones in the migration process. Even along with their families, they deal with several emotional sufferings every day, due to barriers with foreign language and cultural conflicts that reflect in the school and family living, and then produce feelings of strangeness, as if they were foreigners at own home.

Keywords: *Dekasegi* children. Migration. Foreigner. Psychoanalysis.

Resumen: La propuesta general de este estudio como objeto de investigación, la experiencia de tres meses de la investigadora en Japón, en 2012, como psicóloga atendiendo a los hijos de *dekasseguis*, y también a sus padres, dentro de un programa de cooperación internacional desarrollado en escuelas. La principal queja fue los problemas de aprendizaje y adaptación escolar presentados por los hijos de *dekasseguis*. El objetivo específico de la investigación fue promover una lectura de esta experiencia laboral, basada en el método psicoanalítico, a partir del análisis e interpretación de la transferencia y contra transferencia. Por lo tanto, presentamos un estudio de caso de una niña de 13 años, que emigró a Japón a una edad temprana. Los niños y adolescentes, quienes han sido los más vulnerables en este proceso migratorio. Incluso con sus familias, se enfrentan a diario con diversos sufrimientos emocionales derivados de las barreras de la lengua extranjera y las fricciones culturales, que se reflejarán en la escuela y en la vida familiar y, por lo tanto, producirán sentimientos de extrañamiento, como si fueran extranjeros en su propio hogar.

Palabras-clave: Hijos de *dekasseguis*. Migración. Extranjero. Psicoanálisis.

¹ Psicóloga, mestre e doutora pela Universidade Estadual (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL-Assis). Bolsista de mestrado e doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0526-4964> E-mail: ciressfer@yahoo.com.br

² Docente do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL-Assis). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5472-9900> E-mail: jose.justo@unesp.br

Introdução³

O Brasil, até 1980, era conhecido como país de fluxos contínuos de entrada de estrangeiros em seu território. Na década de 1980, surge um outro fenômeno: a emigração em massa de brasileiros para outros países e continentes. A partir desse momento, o país passa a ser reconhecido como receptor e emissor de migrantes. Os nipo-brasileiros têm uma participação importante nesse fluxo de emigração. Um contingente expressivo e cada vez maior de descendentes de imigrantes japoneses começa a fazer a rota inversa de seus antepassados, emigrando para o Japão em busca de melhores oportunidades de trabalho e renda.

Oliveira (2008) informa que, antes mesmo dos anos 1980, precisamente no final de 1970, já iniciava um movimento contrário de imigrantes japoneses (*isseis*⁴) radicados no Brasil, nascidos no Japão e que voltam para sua casa oriental. Com o passar dos anos, aumenta o fluxo de pessoas que migram para o Japão, e surge o movimento *dekassegui*.⁵

O movimento *dekassegui* tornou-se conhecido em meados de 1980, quando os primeiros descendentes de japoneses brasileiros começaram a emigrar para o Japão para trabalharem nas fábricas e indústrias japonesas. O serviço de pouca qualificação acabou atraindo muito o interesse da comunidade *nikkei*⁶⁷⁸ brasileira.

Ao mesmo tempo, o Brasil sofria com o período de recessão econômica, seguido de desempregos. Havia uma crise política e econômica instalada no país. Com isso, surge a possibilidade de trabalho na terra do sol nascente, para os descendentes de japoneses. Além do mais, seria a realização de fazer o caminho inverso e tão sonhado pelos pais e avós.

³ Esse artigo é um recorte da minha Tese de Doutorado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Faculdade de Ciências de Assis/SP, cujo o título é “Leitura psicanalítica de experiência de trabalho no Japão com Filhos de *dekasseguis*”. (2019).

⁴ *Issei*: “(...) primeiro (a); de primeira geração, emigrante (imigrante) japonês (japonesa) de primeira geração. (...) [*Watashi wa burajiru no Nikkei is-sei desu*] Sou japonês (japonesa) de primeira geração (radicado (a) no Brasil”. (HINATA, 1998, p.155).

⁵ *Dekassegui*: “de-cas-sé-gui adj m+f sm+f Que ou aquele que se fixa temporariamente no Japão para trabalhar, em geral como mão de obra direta. Os decasséguis frequentemente descendem de japoneses. Etimologia: *japdekasegi*” (MICHAELIS, 2018).

⁶ *Nikkei*: “(...) [*nikkei no*] de origem japonesa. (...) [*nikkeijin-jin*] pessoa (f) de origem japonesa . (HINATA, 1998, p. 315)

⁷ *Nikkei* “é uma denominação em língua japonesa para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão”. (VÁRIOS AUTORES, 2010, p.486)

⁸ “Denomina os descendentes de japoneses no exterior”. (KAWAMURA, 2008, p.80)

A palavra *dekassegui* é de origem japonesa, utilizada pelos próprios japoneses que enfrentavam invernos rigorosos e migravam para outras regiões (grandes centros) em busca de trabalho. Eles permaneciam trabalhando na região por certo período e retornavam para as suas casas quando a estação terminava, levando dinheiro. Portanto, o termo *dekassegui* significa a junção dos verbos *deru*⁹ (sair) e *kasegu*¹⁰ (trabalhar para ganhar dinheiro), portanto, é aquele que sai para trabalhar fora, ou seja, sai de casa em busca de trabalho temporário para ganhar dinheiro. Os *dekasseguis* são contratados como trabalhadores braçais no Japão. Fazem os serviços que os japoneses rejeitam. Para os estrangeiros é uma forma rápida de ganhar dinheiro e realizar alguns sonhos.

Desde o início da migração, o trabalho desqualificado era reservado para o imigrante. Ainda hoje, a maior parte dos *dekasseguis* continua nesses postos de operários. Para os japoneses, esse tipo de trabalho é conhecido como *3ks* – *Kitanai*¹¹ (sujo), *Kiken*¹² (perigoso) e *Kitsui* (¹³pesado) (OCADA, 2002) –, e conforme a socióloga Lili Kawamura (OS 100 ANOS..., 2008) foram incluídos pelos imigrantes mais 2ks: *Kibishi*¹⁴ (exigente) e *Kirai*¹⁵ (detestável).

Nesse período, os nipo-brasileiros que se deslocavam para o Japão eram os *isseis* (japoneses), os *nisseis*¹⁶ (segunda geração), filhos de japoneses e aqueles que tinham dupla nacionalidade. Esses primeiros *dekasseguis* sabiam falar o idioma, e a língua não seria uma barreira entre as duas culturas.

As primeiras notícias sobre a ida de brasileiros nipo-descendentes para trabalhar temporariamente no Japão apareceram nos meados da década de 1980, apresentando um movimento tímido quanto ao volume. Em geral, eles não tiveram grandes problemas burocráticos para entrar no território japonês, pois tinham origem japonesa; eram das primeiras gerações –

⁹ *Deru*: “(...) sair (...); partir (...); aparecer, sair (...); assistir a, estar presente em, comparecer a (em), participar de (...); formar-se pelo (a) (...). (...) [*kano-jo wa chotto kai-mono ni dete imasu*] Ela saiu um pouco para fazer compras. (...)”. (HINATA, 1998, p.60)

¹⁰ *Kasegu*: “(...) lucrar, ganhar dinheiro. (...) [*Watashi wa seikatsu-hi o kasegu noni hisshi desu*] Estou trabalhando desesperadamente para ganhar a vida”. (HINATA, 1998, p.193).

¹¹ *Kitanai*: “(...) sujo (a), imundo (a)”. (HINATA, 1998, p. 219).

¹² *Kiken*: “(...) perigo (m). (...) [*kiken na*] perigoso (a). (...)”. (HINATA, 1998, p.211).

¹³ *Kitsui*: “(...) apertado (a) (...); apertado (a), duro (a), pesado (a) (...)”. (HINATA, 1998, p.219).

¹⁴ *Kibishi*: “(...) rígido (a), severo 9ª), duro (a). (...)”. (HINATA, 1998, 207).

¹⁵ *Kirau*: “(...) não gostar de. (...)” (HINATA, 1998, p.216).

¹⁶ *Nisseis*: “*nis-sei* (...) *nissei* (mf). (...) [*watashi wa nikkei-nisei desu*] Eu sou *nissei* (de origem japonesa)”. (HINATA, 1998, p.318).

issei (primeira geração ou os próprios japoneses nascidos no Japão) e/ou nissei (segunda geração ou filhos dos migrantes japoneses nascidos fora do Japão) –, logo, muitos tinham nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade (podendo ingressar no Japão, como japoneses); grosso modo, eram homens de idade avançada; chefes de família; casados; sabiam falar japonês e tinham pretensões de estada temporária no Japão. (SASAKI, 1999 apud SASAKI, 2006, p. 105, grifos do autor).

No início da década de 1990, é feita uma mudança na lei da imigração japonesa, que passa a aceitar os netos de japoneses (*sanseis*¹⁷) e seus cônjuges. Em decorrência dessa alteração, o fluxo emigratório para o Japão passa a ser mais intenso, trazendo uma nova configuração, uma vez que antes o imigrante que chegava ao Japão não vinha acompanhado, encontrava-se sozinho, depois disso, passa a chegar acompanhado pela família, esposa e filhos.

Diante desses números de ilegais, houve a reforma da Lei de Controle da Imigração do Japão, promulgada em junho de 1990, implementando uma política imigratória mais restritiva, incluindo sanções aos empregadores estrangeiros ilegais, assim como aos intermediários ou contratadores que sempre recrutaram trabalhadores para as firmas japonesas. [...] o mercado japonês tendo sérios problemas com a falta de mão-de-obra em setores de manufatura, esses empregadores – não apenas de firmas pequenas, mas também de grandes empresas – substituíram gradualmente os trabalhadores ilegais por trabalhadores descendentes de japoneses provenientes da América do Sul (YAMANAKA, 1996; KOMAI, 1992 apud MORITA & SASSEN, 1994, p. 162), principalmente brasileiros e peruanos. Segundo Cornelius (1995, p. 396), a política de oportunidades de imigração facilitada para os *nikkeijins* da América Latina é vista pelas autoridades japonesas como meio, politicamente de baixo custo, de ajudar a resolver a falta de mão-de-obra, com a vantagem adicional de que os imigrantes com ancestralidade japonesa não são vistos a perturbar a homogeneidade étnica mítica do país. (SASAKI, 2006, p. 106).

O Japão, ainda com sua ideologia da “pureza” da “raça japonesa” (BUENO, 2002, p. 3), só aceitava descendentes de japoneses comprovados da América do Sul. A aposta na consanguinidade, por parte dos japoneses, era na garantia de uma boa convivência entre as duas comunidades no país. Apesar dos traços físicos semelhantes dos descendentes de japoneses brasileiros com os japoneses, as culturas tanto a brasileira quanto a japonesa são bastante distintas, o que colocou em xeque a suposta afinidade e possibilidade de harmonia entre as identidades dos locais e dos imigrantes descendentes de japoneses.

No Brasil, antes do fenômeno *dekassegui*, a comunidade *nikkei* se reconhecia como portadora de identidade cultural japonesa. No entanto, no Japão, os descendentes de japoneses descobriram que não eram propriamente japoneses, mas sim, estrangeiros - *gaijins*¹⁸, como eram denominados pelos japoneses. Enquanto no Brasil eram vistos como japoneses, no Japão eram

¹⁷ *Sanseis*: “(...) *sansei* (mf), cidadão (cidadã) brasileiro (a) neto (a) de emigrante (imigrante) japonês, terceiro (a) (...)”. (HINATA, 1998, 373).

¹⁸ *Gaijins*: “(...) estrangeiro (a) [pessoa]. (HINATA, 1998, p.87).

vistos como brasileiros. Para Bueno (2002, p. 2) *os dekasseguis* são considerados *gaijin* por não serem japoneses e duplamente *gaijin* por não serem estrangeiros Norte-Americanos, esse mais aceitos. A palavra '*gaijin*' possui uma conotação fortemente negativa, é um nome feio no Japão e significa aquele que é de fora. Quem está fora é impuro, suspeito. Numa conversa informal com uma professora japonesa que esteve no *Kaikan*¹⁹ da cidade de Marília (SP), em 2018, ela nos disse que, atualmente, no Japão, ao invés de se usar a palavra *gaijin* tem sido utilizado os termos *shuuroo*²⁰ o *mokuteki*²¹ to *suru*²² *nikkejin*²³, que significa aquele (a) *nikkei* que tem objetivo de trabalhar, atenuando-se, assim, o sentido pejorativo de *gaijin*. Depois da ida dos filhos e netos ao Japão, observa-se o sentimento de não pertencimento em nenhum dos dois países.

A nacionalidade no Japão é definida pelo critério do *jus sanguinis* (direito de sangue). Os filhos adquirem a nacionalidade dos pais, ou seja, filhos de japoneses têm a cidadania japonesa. No Brasil, adota-se o princípio do *jus solis* (direito de solo). A pessoa adquire nacionalidade do território onde nasceu. No entanto há regras para casos específicos. Um exemplo é o caso de filhos de *dekasseguis* brasileiros nascidos no Japão, que adquirem a nacionalidade dos pais registrados em repartições governamentais brasileiras.

Os primeiros *dekasseguis* brasileiros que chegaram ao Japão tinham objetivos diferentes dos atuais. Procuravam poupar ao máximo o dinheiro que ganhavam do árduo trabalho nas fábricas, para o retorno ao Brasil. De acordo com Goto (2007, p. 16) esses *dekasseguis* enviavam a maior parte do dinheiro que pouparam ao país de origem. Acrescenta o autor que "*The more they take root in Japan, the less remittance they may send to their home country*²⁴", ou seja, sem ter uma previsão de retorno, o *dekassegui* passa a viver no país. Ademais, com a chegada de famílias inteiras, o tempo de permanência ficou mais longo e alguns passaram adquirir residência no território japonês. Dessa forma, diminuiu o número de remessas feitas aos seus familiares e o dinheiro ganho com seus salários acaba sendo direcionado para outras necessidades da casa no Japão.

¹⁹ *Kaikan*: "(...) salão (m)". (HINATA, 1998, p.179).

²⁰ *Shuuroo*: trabalho (m), emprego (m) (HINATA, 1998, p. 424).

²¹ *Mokuteki*: objetivo (m), finalidade (f) (HINATA, 1998, p. 284).

²² *Suru*: fazer; praticar; jogar; fazer; tornar; custar (HINATA, 1998, p. 442).

²³ *Nikkejin*: "(...) [*nikkeijin-jin*] pessoa (f) de origem japonesa" . (HINATA, 1998, p. 315)

²⁴ Quanto mais eles se enraizarem no Japão, menos remessas eles podem enviar para seu país de origem" (GOTO, 2007, p. 16, tradução nossa).

Com a presença das crianças, filhos de *dekasseguís*, as escolas japonesas passaram a receber mais um novo estrangeiro em sua instituição. As crianças que chegavam ao Japão eram inseridas automaticamente nas escolas japonesas. Nessa época, início da década de 1990, não havia no país escolas brasileiras. As dificuldades foram surgindo ao se depararem com a língua e com o currículo escolar oriental. Muitas crianças interrompiam seus estudos no Brasil para emigrarem com seus pais para o Japão. Com o tempo, essa frequência de interrupções passou a fazer parte do vai e vem temporário da saga familiar, “nem fica lá” e “nem aqui”.

Desde então, esse quadro vem sofrendo alterações e, com isso, novas necessidades e preocupações passam a surgir na vida cotidiana desses imigrantes, como os estudos das crianças, a língua, o emprego, e outras, assim como qual país escolherá para residir, ou não.

No ano de 2000 (AMARAL; CORES; MATSUO, 2010), as primeiras escolas brasileiras surgem no Japão. Contudo, são particulares e de custo elevado. Além disso, são de difícil acesso, por causa da localização, elas estão situadas aonde há um número considerável de *dekassegui*, porém, deixam de atender os estudantes de regiões mais distantes, ou seja, a maioria das cidades japonesas não tem escolas brasileiras, diferentemente das escolas japonesas que estão instaladas nos bairros. De acordo com Ministério da Relações Exteriores (BRASIL, 2019), há 10 escolas brasileiras homologadas na província de *Aichi*.

Em decorrência das várias recessões que vêm ocorrendo ciclicamente, no país oriental, muitos pais, ao perderem o emprego, retiram as crianças das escolas brasileiras e as matriculam nas escolas públicas japonesas. De forma inversa, isso também acontece, quando eles estão empregados, trabalhando regularmente e fazendo horas extras. Retiram as crianças das escolas japonesas e as matriculam nas escolas brasileiras. Além disso, os pais também parecem padecer de dúvida em relação à escola que imaginam ser melhor para seus filhos se desenvolverem, para aquisição de aprendizagens, pois a escolha de uma escola estrangeira traz uma série de mudanças para a família, como hábitos, comportamentos, habilidade da língua que os pais brasileiros não possuem e, além do mais, pensar no futuro é algo bem distante de suas vidas, assim, não elaboram projeto futuro de vida, vivendo o tempo presente como eterno.

Nem todos os *dekasseguís* desejam retornar ao Brasil para morar. Uma parte já adquiriu residência fixa na terra do sol nascente, mas a problemática da educação dos seus filhos continua sendo um ponto-chave nas discussões de imigração. Grande parte das crianças filhos de *dekasseguís* são *yonseis*,²⁵ ou seja, a quarta geração de descendentes de japoneses, nascida no

²⁵ *Yonseis* são os bisnetos de imigrantes japoneses (tradução nossa).

Japão ou no Brasil. Essas crianças vivem uma realidade distinta dos pais *dekasseguis*. Os *sanseis*, a terceira geração de descendentes, não dominam o idioma japonês. Foram para o Japão com esposa e filhos e outros foram solteiros, mas constituíram família na terra dos avós.

Os *yonseis* vivem o chamado dobro limite em ambas as línguas (YANO, 2006), ou seja, apresentam a problemática de não dominarem nenhum dos dois idiomas. Por esta razão, os entraves são enormes entre as duas subjetividades culturais. A exclusão social por parte da sociedade dominante a esses filhos da imigração já ocorre pela falta de domínio da língua japonesa e expõe o imigrante como um alvo fácil de reconhecimento do estrangeirismo pelos japoneses. Os seus pais migraram para o Japão com o objetivo de trabalhar e somente trabalhar, mas a segunda geração de imigrantes – os filhos de *dekasseguis* – não pensa da mesma forma, não aceita ser estrangeiro no Japão e nem a vida como ela é (KAWAGUTI, 2012). Além do mais, acabam sofrendo de crise identitária. Os descendentes de japoneses brasileiros no Brasil são reconhecidos e identificados como japoneses entre a comunidade brasileira em virtude de seus traços fenotípicos. Do outro lado do mundo, no Japão, os *dekasseguis* e seus filhos são “os filhos da imigração”, não sendo reconhecidos e nem identificados como japoneses, ou seja, são estrangeiros/*gaijin*. Uma parte dos filhos de *dekasseguis* nasce no Japão e mesmo tendo o nome de registro da cidade japonesa, a sua nacionalidade é brasileira, sabendo que uma parte desses filhos, nem conhece aos menos a terra de seu registro. Entre o trabalho acelerado e a vida familiar, os pais se deparam com diversas dificuldades de seus filhos, especialmente com a escola.

A experiência da migração não é algo fácil. Diante da perda do objeto idealizado e a vivência do estado de desamparo (OKAMOTO; RESSTEL; JUSTO, 2017), são postos à tona as ansiedades mais primitivas: as confusionais – dificuldades de diferenciar os sentimentos e lugares, as paranoides – persecutórias - medos e as depressivas - experiências de perdas (GRINBERG, GRINBERG, 1984). Contudo, o imigrante passa a ser um recém-nascido no exterior.

Grinberg e Grinberg (1984), ressaltam a importância do vínculo familiar sólido e estável, para que na migração a pessoa consiga enfrentar e tolerar os obstáculos em condições psicológicas melhores. Em caso contrário, muitos desses conflitos não elaborados, poderão vir à tona na situação de deslocamento, além das ansiedades que serão disparadas pelo próprio processo migratório.

Para Sylvia Dantas (2017), os deslocamentos promovem contatos interculturais, que levam a novos desafios subjetivos, tanto para quem migra quanto para a sociedade de recepção.

Por isso, são necessárias mudanças das instituições das quais o país receptor precisa “se preparar” (DANTAS, 2017, p.57).

Nesse contexto, questionamos as dificuldades da segunda geração de filhos de *dekasseguis* com a família Japão. Quais são as dificuldades dos filhos de *dekasseguis* na escola e na vida familiar no Japão?

Método

A proposta geral deste estudo elegeu, como objeto de investigação, a experiência de três meses, da pesquisadora, no Japão, em 2012, trabalhando, como psicóloga clínica, no “Programa de Desenvolvimento de Apoio Psicológico no Estado de São Paulo voltado aos *dekasseguis* e seus descendentes que retornam ao Brasil”, uma parceria da Unesp, campus de Assis/SP com a JICA (*Japan International Cooperation Agency*) Aichi/Japão. O trabalho consistia em atendimentos psicológicos e o público alvo era migrantes *dekassegui*, particularmente seus filhos que vivem no Japão.

O objetivo específico da pesquisa foi promover uma leitura dessa experiência de trabalho, com base no método psicanalítico, baseada na análise e interpretação dos processos transferenciais e contratransferenciais suscitados na relação da pesquisadora com a pessoa atendida.

Nesse artigo, fizemos um recorte de um atendimento de uma adolescente, nipo-brasileira de 13 anos de idade, que nasceu no Brasil e migrou na primeira infância (tinha aproximadamente 2 anos) para o Japão. Em 2012, Marilda, nome fictício, frequentava o sétimo ano da escola japonesa, numa cidade do interior, na Província de *Aichi*. Os atendimentos foram realizados numa Organização sem fins lucrativos (NPO). A mãe da adolescente nos procurou para o atendimento psicológico. Os atendimentos não eram do tipo convencional de uma clínica de psicologia. Utilizamos uma sala, acessada pelos professores, na qual eram guardados materiais pedagógicos. As interrupções dos atendimentos eram frequentes. Havia uma mesa e algumas cadeiras. Foram realizados dois atendimentos com a mãe e dois com a filha (A entrevista inicial em 23/10/2012 e posteriormente a devolutiva em 26/10/2012) e com a adolescente, em 22/10/2012 e 25/10/2012. Cada atendimento durou cerca de 1 hora. Os registros foram feitos posteriormente, de forma cursiva. No atendimento com a adolescente, teve uma interprete nipo-brasileira da prefeitura de *Nagoya*.

O estrangeiro

A palavra “extrãneus” em latim significa “exterior”, “de fora”, “estrangeiro” e “extraordinário” (FARIA, 1962, p. 382). Segundo Caterina Koltai (1998), a palavra ‘*estrangeiro*’, como substantivo, passa a existir no Império Romano (A.C), não se limitando ao latim. Aparece nas mais variadas línguas e em todas elas se refere ao não-familiar. Posteriormente, *estrangeiro* veio a se transformar em categoria política. Em algumas situações, o estrangeiro pode ser bem-vindo, mas na categoria sociopolítica, se encontra fixado em uma alteridade que resulta em exclusão.

Diante de tantos trânsitos humanos pelo mundo, na civilização moderna, aparece o *outro* e com isso a necessidade de convívio com aquele que chega de fora, o exótico, aquele que não se consegue nomear, o “inominável” (BITTAR, 2008, p. 110) na cultura que o recebe. O *outro*, seja na origem da palavra ou na vida, nos remete àquele que “não se enquadra” no país receptor e, por isso, “não cabe”, ligando a ideia do que é ser nacional e cultural aos sentimentos de pertencimento e não pertencimento, do aceitável e do não aceitável (BITTAR, 2008, p. 110).

O desconhecido em nós

Freud (1917-1918/1996) escreve, em 1919, que o estranho nos assusta, desperta medo e horror. As coisas estranhas são sentidas como ameaçadoras e nos causam repulsa e aflição. O estranho está vinculado à história da humanidade, às experiências de vida, impressões sensoriais, fatos que levaram a adentrar o campo da natureza desconhecida do estranho e a despertar o estado de estranhamento, mas tudo isso leva ao que há de comum. Para Freud (1917-1918/1996, p. 238) “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”. Ele diz que é estranho porque não é familiar, porém, nem tudo que é novo e que não é familiar é assustador, mas o que é acrescentado no novo e não familiar poderá se tornar estranho. O estranho apresenta aspectos ambivalentes, como algo familiar e desconhecido. Sob esse prisma as palavras alemãs *heimlich* e *unheimlich*, discutidas por Freud, mostram a ambiguidade, pois elas se coincidem no campo do familiar e do estranho. A primeira tem o sentido ambíguo, além de significar algo que é familiar, também apresenta o lado oculto e a segunda seria uma subespécie de *heimlich* acrescentado pelo prefixo *un* – não familiar.

Podemos dizer que aquilo que é familiar é sentido como íntimo, amistoso, agradável, portanto, o confiável, ou seja, é o de casa, mas ao mesmo tempo pode gerar incertezas e

inseguranças. Algumas observações de Freud nesse texto o levaram às fantasias infantis, ao complexo de castração, à onipotência de pensamentos, cuja explicação dada por ele sobre a formação do sentimento de estranheza em si mesmo levaria a pessoa a transformar o assustador em estranho. Entretanto, há um oculto e desconhecido em nós mesmos, pertencente ao reprimido e que projetamos nas relações e no meio em que vivemos.

Seguindo com texto “o estranho”, Freud (1917-1918/1996) coloca que a estética vai estar além da teoria da beleza e que nos diz muito sobre a qualidade do sentir. De acordo com Bittar (2008, p. 111), “padrões de verdade” se associam a “padrões de beleza”, e por consequência, a “padrões de feiúra”, portanto a feiúra daquele que não é, é “a expressão ou o indício de seu não-pertencimento e, portanto, de sua condição de *não-ser*”.

Para Nogueira (2008, p. 114) “a arte e a psicanálise se constituem em duas possibilidades distintas para apresentar o inconsciente como o estrangeiro”, dessa forma, o artista adentra nas profundezas do obscuro e cria um cenário, enquanto o psicanalista com a sua bagagem teórica está nesse cenário, orientando o real em nós e as nossas resistências.

O artista e o psicanalista, cada um à sua maneira, procuram absorver intensamente a demanda oculta, cientes que estão da necessidade de se compor com ela. O artista percebe a importância do que levemente poderíamos chamar de descuido e nele reconhece a viva expressão do pensamento do mundo, que erroneamente reconhecemos como estrangeiro. (NOGUEIRA, 2008, p. 116, grifo do autor).

A percepção do inconsciente nos revela como podemos sentir estranhos em relação aquilo que não conhecemos em nós mesmos, pois somos marinheiros de nossas vidas, navegando em águas turvas, rumo a um lugar obscuro de insignificações. Nessa viagem tortuosa, sem chão e sem visibilidade, faltam-nos a palavra e o sentido daquilo que é inominável.

Estado das coisas

Sobre a transitoriedade, Freud (1914/1916, 1996) fala sobre a ideia de mortalidade das coisas e afirma que toda a beleza e a criação do homem teriam um fim. Tudo que teria sido amado e admirado numa circunstância não teria valor em outra, estaria fadado a transitoriedade. Ao mesmo tempo, parece não acreditar na finitude da beleza, expressando desejos de escapar da destruição, ou seja, da imortalidade. Para o poeta, a transitoriedade do belo implica na perda de valor. Freud segue dizendo que o valor da transitoriedade aumenta, pois é o valor da escassez no tempo. A compreensão do valor da beleza e da perfeição de uma obra de arte vai depender daquilo que significamos, emocionalmente e por isso, elas não precisam sobreviver a nós. O luto

é a perda de algo que amamos ou admiramos, porém na visão de outro, o luto é como se fosse constituído de um enigma sem explicação. A capacidade de amar – libido –, encontra-se nas fases iniciais da vida e está voltada para o nosso ego. Depois é direcionada aos objetos externos e, novamente, retornada ao nosso ego.

Freud (1914/1916, 1996, p. 318) ressalta, “Se os objetos forem destruídos ou se ficarem perdidos para nós, nossa capacidade para o amor (nossa libido) será mais uma vez liberada e poderá, então, ou substituí-los por outros objetos ou retornar, temporariamente, ao ego”, Freud questiona: por que o desligamento da libido dos objetos é um processo tão penoso? “Vemos que a libido se apegua a seus objetos e não renuncia àqueles que se perderam, mesmo quando um substituto se acha bem à mão. Assim é o luto” (FREUD, 1914/1916, 1996, p. 318). Completa Freud que a guerra destruiu a beleza dos campos, as obras de artes, o orgulho da civilização e etc., mas que a libido se apegou àquilo que sobrou com tanta intensidade, como o amor à pátria, afeição aos próximos e ao nosso orgulho. Os bens que perdemos não deixaram de ter valor por não serem duradouros, mas as pessoas que assim viveram essa experiência encontraram-se num estado de luto pela perda. Diz Freud, que o luto, por mais doloroso que possa ser, chegará a seu fim, ainda que mantendo algum resquício do objeto perdido. Como em uma carta de 14 de março de 1920 para Ludwig Binswager, Freud escreve sobre a morte de sua filha Sophie aos 26 anos, de gripe espanhola e também dos seus sentimentos de pesar. Relata que a experiência da perda de uma filha, seria algo de difícil superação e que nunca encontraria um substituto para essa dor, pois estaria sempre presente. Portanto, a presença dessa dor, seria uma única forma de perpetuação de um amor que não quer abandonar (A TRAGÉDIA..., 2020). Afirma textualmente Freud (1929) citado por Indursky e Kyeller (2017, p. 406) em sua carta: “É sabido que o luto agudo causado por uma tal perda encontrará um fim, mas permaneceremos inconsoláveis, sem jamais encontrar um substituto”. A renúncia do que se perdeu fez com que a libido pudesse ficar, mais uma vez, livre e substituir os objetos perdidos por novos, igual e com ou mais valor, porém a dor da perda de um filho é profunda, em que o esquecimento pleno jamais poderá ser elaborado.

O estrangeiro e o imigrante: os dois lados da mesma viagem

A confusão entre o estrangeiro e o imigrante vai até e além das fronteiras. Então, quem é o estrangeiro? Quem é o imigrante?

Um estrangeiro, segundo a definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas também depois que passou as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país.

Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se 'estrangeiro' é a definição jurídica de um estatuto, 'imigrante' é antes de tudo uma condição social. (SAYAD, 1998, p. 243).

Todos os imigrantes são estrangeiros? O que distingue o estrangeiro do imigrante é a linha geográfica que demarca as fronteiras dos países e a legislação de direito. Todo imigrante é de direito um estrangeiro. O estrangeiro é visto como aquele que está apenas de passagem no exterior, com o tempo de permanência autorizado, ao passo que o imigrante torna-se morador, mesmo que seja provisoriamente. Separados pelas fronteiras e pela desigualdade política e econômica, as forças de poder surgem e estabelecem relações assimétricas, ou seja, de domínio e dominado entre os países. Os turistas que viessem desse mundo de domínio seriam bem quistos e respeitados como estrangeiros, ao passo que os países dominados forneceriam imigrantes, mesmo chegando como turistas no exterior são considerados imigrantes clandestinos ou virtuais. São duas sociedades, duas culturas que acabam produzindo relação de forças e desigualdades (SAYAD, 1998).

Pais nas fábricas

O ritmo intenso de trabalho *dos dekasseguis* nas fábricas e indústrias japonesas é uma dura rotina quando a economia do país está aquecida. Os imigrantes são como máquinas, não param, estão se movimentando o tempo todo em seus postos de trabalho. Sempre tem algum chefe por perto, conferindo de forma minuciosa o trabalho e exigindo do imigrante que aumente o volume de produção. Tal exigência é tão grande que o humano em nós não se enxerga, mas cria-se uma fantasia de existir uma supermáquina humana, negando a sua essência e a sua fragilidade. Sem conhecer os seus reais limites, os imigrantes em geral têm uma voracidade por horas-extras e muitas vezes é motivo de competição entre os próprios brasileiros no local de trabalho. Tudo isso acontece, para conquistarem o *zangyoo*²⁶ (hora-extra), mas esse tipo de comportamento gera instabilidade nas relações e insegurança entre eles.

Por medo de perderem seus empregos e quererem conquistar a confiança da chefia japonesa, muitos brasileiros na fábrica não têm tido uma convivência amigável com seus irmãos brasileiros.

Pais *dekasseguis*: entre a exaustão e os filhos

²⁶ *Zangyoo*: "(...) horas (f) extras". (HINATA, 1998, p.548).

A exaustão provocada pelo excesso e ritmo de trabalho é uma sensação de quase morte. Pais saem das fábricas “mortos de cansaço” e em seus lares estão filhos que anseiam pela chegada de seus pais e que nem sempre vão conseguir vê-los, pois acabam se entregando ao sono. As crianças e os adolescentes também têm a sua luta diária, seus desafios e enfrentamentos como filhos de imigrantes no Japão. A casa (*ie*²⁷), o lar (*uchi*²⁸) e/ou “*apaato*²⁹” (apartamento), para o *dekassegui*, representam mais lugares de descanso e deveres domésticos, do que o espaço para ficar com a família. A vida para o imigrante parece girar em torno do trabalho. Não ouvimos as palavras “sobrar tempo”, não faz mais parte dessa nova vida. Não sobra tempo para o imigrante no Japão. Para os pais, é raridade ter um tempo livre diário, como se não tivesse uma brecha para si no relógio da vida. Sem tempo de viver com seus filhos, pais e filhos se separam na vida cotidiana. Sem o espaço íntimo de convivência familiar, filhos passam a se “sentir estrangeiros dentro da própria casa” (RESSTEL, 2019, p.141). Enfim, pais e filhos vivem choques culturais e privação da convivência no lar.

Estranho no ninho

Sozinhos em casa, é assim que grande parte dessas crianças vive no Japão. Após a jornada de aula na escola, a criança não tem uma casa de acolhimento, ou seja, de um parente ou de um vizinho onde possam permanecer até a chegada dos pais. Alguns conflitos emocionais são desencadeados pela distância entre os membros da família. Distância física que aprofunda distâncias afetivas, emocionais, culturais, linguísticas, dentre outras.

A falta de convivência, no espaço doméstico, fragiliza os laços familiares e, sobretudo, a produção de uma linguagem familiar com suas idiosincrasias, com seus denotativos, com seus corredores semânticos, valorações, figuras de linguagem, expressões próprias, ditados, apelidos e tantos outros linguajares que acabam por produzir uma “língua de família” que passa a ser uma referência identitária, um espaço de intimidade, de aproximação, de reconhecimento mútuo, de segurança, um secreto compartilhado, portanto, ultrapassando uma mera função comunicativa.

Pais e filhos vivem a ausência fabricada pelo meio de produção capitalista e pela migração. Viver na ausência do objeto amado é diferente de viver na presença (HASHIMOTO,

²⁷ *Ie*: “(...) casa (f), moradia (f)”. (HINATA, 1998, p.144).

²⁸ *Uchi*: “(...) [*uchi ni*] em (...); do lado de dentro (...)”. (HINATA, 1998, p.504)

²⁹ *Apaato*: Apartamento. (tradução nossa).

1995), não esquecendo que o lugar é o estrangeiro. A ausência de pais na vida dos filhos corresponde, concomitantemente, a filhos crescendo sozinhos sem a presença de seus pais. Qual é a qualidade da comunicação entre ambos? Há comunicação entre pais e filhos?

Nem a língua portuguesa e nem a língua japonesa são compreendidas por todos os membros da família na casa e, como isso, predomina a lei do quase silêncio e ausência de comunicação. A maioria dos pais *dekasseguis* não domina o idioma japonês e, por esta razão, os pais acabam não conseguindo ter a compreensão de seu filho de forma íntegra. Os filhos, por sua vez, não estão podendo falar o que desejam e o que necessitam aos seus pais, por não terem o domínio do idioma português e por eles não alcançarem o mesmo nível de compreensão da língua estrangeira dos filhos, no caso o idioma japonês.

O sentimento de ser um estrangeiro no seu próprio lar é marcado pela barreira da língua estrangeira, que não é compreendida na família e pelas dificuldades das duas culturas: a japonesa, dos filhos e a brasileira, dos pais. Os pais percebem os filhos diferentes deles e “os filhos se sentem duplamente estrangeiros, na casa e no país” (RESSTEL, 2019, p. 142)

Caso Marilda

Marilda é uma adolescente de 13 anos de idade, que nasceu no Brasil e foi para o Japão com menos de 2 anos de idade. Na sua constituição familiar é a caçula de 4 irmãos (A irmã mais velha tinha 18 anos, o irmão de 17 anos e outra irmã de 15 anos). Ela somente sabia falar o idioma japonês. Os seus traços físicos eram japoneses e estava acima do peso. A sua postura era inclinada para baixo e o seu olhar quase não se via. Tinha uma timidez e uma voz enfraquecida. Ela se queixava de desânimo, falta de interesse de prosseguir com estudos na escola japonesa, de não entender o professor e nem o que estava acontecendo com ela. Com muitas dificuldades, conseguiu frequentar a escola até o 7º ano da instituição pública japonesa, mas não havia conseguido concluí-lo. Sentia-se diferente dos outros, pensava que tivesse uma deficiência mental, reforçado pelas atitudes do professor japonês e de uma conselheira japonesa da prefeitura que a acompanhou por algum tempo. Na escola, não ficava junto com a turma, pois foi colocada pelo professor numa sala sem alunos, ou seja, vazia. Sofria de *ijime*³⁰ (*bullying*). Ela vivia isolada das demais adolescentes. Não tinha amigos e nem convívio familiar. Em casa, ficava o tempo todo em seu quarto, pois além de sofrer exclusão na escola, também era rejeitada pelos

³⁰ *Ijimeru* “(...) judiar de ..., tratar mal a (de). (...)”. (HINATA, 1998, p. 146).

irmãos. Os seus pais trabalhavam o dia todo. A mãe sabia que tinha algo de errado acontecendo com a filha e demonstrava preocupação com o seu isolamento.

Mãe: Foi assim, shookkagoo³¹ inteiro. Ela não queria ir para a escola. Ela é alta. Ela tinha um complexo de ser alta. Fazia ijime com ela. Ela ia sozinha e separada do grupo. Ela se sentia uma adulta, como se tivesse que cuidar da escola. Ela também tem dificuldades para acompanhar os estudos. A matemática não conseguia aprender rápido. Ela não conseguia entender. (RESSTEL, 2019, p. 209).

Psicóloga: Como você estava na escola Marilda? Marilda: Na escola, não ia para sala de aula. Tinha sala de aula. Meio difícil entrar na sala de aula. Psicóloga: O que sente? Marilda: Sentimento ruim. Psicóloga: Explique melhor? Marilda: Quando tem muita gente, não se sente à vontade. Psicóloga: O que você pensa nesse momento? Marilda: Não estou pensando muito. Psicóloga: Você tem medo, receio ou sente alguma coisa em seu corpo? Marilda: Antes tinha. Agora, não está tendo mais. Entrar na sala se sente meio diferente (SIC). (RESSTEL, 2019, p. 200).

A família morava há 12 anos no Japão e a adolescente nascera no Brasil, mas nunca havia retornado para o seu país de origem. Alguns anos atrás, a mãe teve um quadro de depressão e, recentemente, a filha mais velha foi submetida a um tratamento médico psiquiátrico de cinco meses no hospital japonês. Em um contato com a adolescente, ela verbaliza o desejo de pular do 4º andar do apartamento de onde morava. Estava com ideação suicida. Ao perguntarmos se a mãe tinha conhecimento do que estava acontecendo com ela, respondeu que não havia dito para a mãe, porque sua mãe não tinha o conhecimento mais aprofundado da língua japonesa e não iria compreendê-la. Sem motivação nenhuma, cada vez mais a adolescente se fechava em seu mundo, numa fase de desabrochar para a vida.

Psicóloga: O que está acontecendo? Marilda: Também não sei direito. Psicóloga: Quantas vezes na semana vai à escola? Marilda: Uma ou duas vezes por semana. Psicóloga: E os demais dias o que você faz? Marilda: Fico em casa. Dormindo. Computador. Psicóloga: O que faz no computador? Marilda: Imagens, anime, desenhos animados. (SIC). (RESSTEL, 2019, p.200).

*Psicóloga: Marilda como é que você está? Marilda: Não sei. Psicóloga: Como você está se sentindo? Marilda: Pensou em muitas coisas. É a sensação que tem. Psicóloga: Então, vamos falar um pouco desse tudo? Como é esse tudo que você tem? Marilda: (Silêncio). **Eu penso em suicídio.** Psicóloga: Explica melhor isso? Marilda: (Silêncio). Não sabe como explicar. Psicóloga: Qual é o pensamento que surge? Marilda: De pular do prédio, onde mora (SIC). (RESSTEL, 2019, p.204, grifo do autor).*

Apesar de a adolescente não falar a língua portuguesa, possuía algum nível de compreensão da língua materna (portuguesa), mas foi necessária a participação de uma intérprete *nissei* brasileira da prefeitura da província de *Aichi*, já que a psicóloga não tinha fluência no idioma japonês.

Psicóloga: A sua mãe fala o português ou o japonês com você? Marilda: O português. Eu respondo em japonês. Psicóloga: Você consegue entender bem o português? Marilda: Não consigo entender

³¹ *Shoo-gakkoo* "(...) escola (f) primária (...)". (HINATA, 1998, p.415).

o sentido. Psicóloga: Como faz? Marilda: Às vezes deixo quieto e não fala nada. Pergunto para mãe. Às vezes deixo quieto. (RESSTEL, 2019, p.205).

A adolescente nunca havia comentado com ninguém sobre os seus pensamentos suicidas. Talvez não tivesse alguém tão próximo para dividir suas angústias. Ao ser vista por inteira na relação com a psicóloga, aproveitou a oportunidade e falou sobre a sua dor emocional e ademais, surpreendeu-se ao receber os significados e os nomes dos sentimentos que tanto a afastavam da vida. Disse aliviada: Então é isso que tenho! A queixa sintomática da adolescente mostrou um quadro de ansiedades depressivas e que precisava ser acompanhada por um médico, já que no Japão é difícil ter acesso ao psicólogo/psicoterapeuta.

A coordenadora da NPO (Organização sem fins lucrativos) de *Aichi*, foi pedir autorização ao professor da escola para liberar a adolescente à consulta médica. Esse é o procedimento da cultura japonesa, tem que comunicar ao professor a real necessidade de sua aluna, pois a escola é o órgão responsável que fará o encaminhamento da adolescente para um espaço de assistência da prefeitura denominado *Paruku*. Esse *Paruku* é composto de professores aposentados, os quais não autorizaram a visita da adolescente ao médico.

A busca pelo atendimento médico especializado, pela mãe, foi em vão, ficando angustiada com suas tentativas frustradas de não ter conseguido marcar uma consulta para sua filha. Depois muito esforço, teve uma única resposta por parte da assistência clínica da prefeitura, isto é, somente seria concedida a autorização para a consulta médica, quando a adolescente tentasse o suicídio.

Mãe e adolescente, diante da falta de compreensão e de acolhimento por parte dos professores japoneses aposentados do *Paruku*, viram-se desamparadas e isso poderia agravar ainda mais a situação delicada do estado emocional da adolescente. Sem espaço na família, na escola, e na vida, ou seja, sem espaço para existir naquele lugar, carregava um mundo vazio e sem sentido, prestes a murchar. Tão jovem e sem um espaço de vida, expressava a dor da inexistência e diariamente tinha que lidar com o sentimento da própria morte em vida. Além do mais, há uma cultura do suicídio no Japão que também ronda a comunidade de descendentes de japonês, os *dekasseguis* e seus filhos.

Diante do caos, algumas orientações de apoio foram dadas à mãe da adolescente. O reestabelecimento do vínculo e uma linguagem de afeto, a presença da família na vida da filha e persistir na busca de um especialista.

Para esses imigrantes, o espaço de casa deveria ser o lugar de encontro dos membros da família, de trocas de afetos, de interesse pela vida do outro, de ajuda e de cuidados, além disso, o espaço para as brincadeiras, para usar a linguagem da família, ou seja, um espaço de convívio, que é quase inexistente na vida migratória do grupo familiar.

Afastados do convívio dos pais e pela nova realidade no estrangeiro, filhos de *dekasseguis* vivem em prejuízos e novos desafios terão que ser lançados e enfrentados pela comunidade de *nikkeis*: no campo da educação, da psicologia e da psicologia social.

Conclusão:

Concluimos que as dificuldades de imigração não atingem somente os adultos. As crianças e os adolescentes têm sido os mais vulneráveis nesse processo migratório, pois mesmo junto as suas famílias, o sofrimento emocional diário surge de várias formas e afeta a convivência familiar, o desempenho escolar e demais aspectos da vida. As mudanças de país e de escolas, levam as crianças e os adolescentes a várias vivências de separação e de luto. Alguns resultados nos foram revelados: Os pais e os filhos de *dekasseguis* vivem *o double limited* em ambas as línguas (japonesa e portuguesa). A língua estrangeira é uma grande barreira no Japão para os filhos de *dekasseguis*, mas também com o passar dos anos, os filhos de *dekasseguis* que passaram a frequentar somente a escola japonesa, acabaram não tendo acesso a aprendizagem da Língua Portuguesa. Ademais, outros deixaram de ter ao conhecimento da prática da oralidade e da escrita da Língua Portuguesa. Dessa forma, o excesso de trabalho dos pais e ausência deles na vida dos filhos, levaram ao distanciamento e a falta de comunicação em casa.

Diante dessa nova realidade no país, surgem os sofrimentos emocionais em decorrência dos sentimentos de estrangeiridade e de exclusão por parte da escola e até mesmo da família. Além disso, se somam as dificuldades de aprendizagem escolar e os *ijimes* provocados geralmente pelos nativos. A falta de comunicação na Língua Portuguesa, no caso analisado, nos mostra, talvez, um dos fatores mais agravantes: o distanciamento e a fragmentação da convivência familiar afetam, sobretudo, a linguagem afetiva. O enfraquecimento da oralidade da língua prejudica a sensibilidade, a compreensão de sentimentos que transitam na relação com os filhos, ou seja, pais não conseguem compreender os sentimentos filhos na Língua Japonesa e filhos, não conseguem compreender os sentimentos dos pais na Língua Portuguesa. As dificuldades dos pais imigrantes com a criação de seus filhos, no estrangeiro, revelam-nos uma geração com inúmeros problemas, como: linguísticos e familiares, escolares e emocionais. Dessa

forma, se constitui um novo modo de subjetivação de convívio da família de nipo-brasileiros no Japão, pois com isso, uma parte dos filhos passou a se sentir estrangeiros dentro do próprio lar. O lugar que deveria gerar as sensações e percepções primárias de familiaridade, segurança, de reconhecimento de si – a casa, a família – em relação ao qual o estranho, o não familiar, o ameaçador e apavorante poderiam ser reconhecidos, elaborados e simbolizados passa a ser, isto sim, um lugar de potencialização do estranhamento de si do mundo. Imperam experiências de transitoriedade, perdas e lutos difíceis de serem elaboradas. O caso Marilda mostra a impossibilidade de se transitar de objetos e de vínculos afetivos porque não há para onde ela ir, sequer a um psiquiatra. Não há como finalizar alguma experiência de perda com a substituição de objetos porque eles não estão no horizonte das possibilidades da pessoa. As próprias experiências de perda e, conseqüentemente, do luto, ficam comprometidas quando não se teve algo a ser perdido: vínculos emocionais e afetivos significativos constituídos na família ou em quaisquer outros espaços e círculos de relacionamento. Resta o vazio, o enigmático, o desconhecido, o inominável, o estranhamento de si e do outro, a perda de quaisquer sentidos do viver.

Referências

- AMARAL, P. T.; CORES, L. N. S.; MATSUO, T. A. Histórias de escolarização no Japão e Brasil de filhos de dekasseguis na década de 1990. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010, Caxambu **Anais** [...] Caxambu: ANPED, 2010. Disponível em: 3reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT21-6956--Int.pdf. Acesso em: 01 jul. 2018.
- A TRAGÉDIA de Freud em uma pandemia, que mudou sua teoria. 23.04.2020. **Grupo de estudos de psicanálise de São José do Rio Preto**. (Trad. Marly Terra Verdi, membro do GEP). Disponível em: www.gepriopretoeregiao.com.br Acesso em: 12 nov. 2021.
- BITTAR, E. C. Quem é estrangeiro no mundo dos homens? **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 110-113, 2008.
- BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Embaixada do Brasil em Tóquio. **Escolas homologadas**. Disponível em: toquio.itamaraty.gov.br/pt-br/educacao.xml. Acesso em: 29 abr. 2019.
- BUENO, E. P. Gaijin, gaijin. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano II, n. 15, p. 1-4, ago. 2002. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/37974/21389>. Acesso em: 26 nov. 2018.

DANTAS, S. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Rev. USP**. São Paulo, n. 114, p. 55-70 julho/agosto/setembro 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322530697_Saude_mental_interculturalidade_e_imigracao Acesso em: 12 nov. 2021.

FARIA, E. (org.). **Dicionário Escolar Latino-Português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Departamento Nacional de Educação: Campanha Nacional de Material de Ensino, 1962. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001612.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2018

FREUD, S. (1914-1916). Sobre a transitoriedade. In: FREUD, S. **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 313-319. (Obras completas).

FREUD, S. (1917-1918). O estranho. In: FREUD, S. **Uma Neurose infantil e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. VII, p. 233-269. (Obras completas)

GOTO, J. Latin Americans of Japanese Origin (Nikkeijin) Working in Japan – A Survey. **Working Paper** Séries 4203, p. 1-51, apr. 2007. Disponível em: <http://documents.wogotorldbank.org/curated/en/604121468020036821/pdf/wps4203.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

GRINBERG, L.; GRINBERG, R. **Psicoanálisis de la migración y del exilio**. Madrid: Alianza, A. A., 1984.

HASHIMOTO, F. **Sol Nascente no Brasil: Cultura e Mentalidade**. Assis: HVF: Arte & Cultura, 1995.

HINATA, N. **Dicionário japonês-português romanizado**. Japan: Kashiwashobo, 1998.

INDURSKYA, A. C.; KVELLERB, D. B. Freud e o judaísmo: luto, trauma e transmissão. **Rev. Psicologia USP**. São Paulo, v.28 n.3 p.405-413. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/141724/136758> Acesso em: 19 nov. 2021.

KAWAGUTI, L. Segunda, geração de imigrantes brasileiros sofre exclusão no Japão. **BBC Brasil**, São Paulo, 05 nov. 2012. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121102_segunda_geracao_1k.shtml. Acesso em: 27 ago. 2017.

KAWAMURA, L. Brasileiros no Japão: direitos e cidadania. In: HASHIMOTO, F. TANNO, J. L. OKAMOTO, M. S. (ORGS). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora Unesp. 2008, p.79-98.

KOLTAI, C. O estrangeiro. São Paulo: Escuta: FAPESP, 1998.

MICHAELIS. **Dicionário brasileiro de língua portuguesa [on-line]**. São Paulo: Melhoramentos, 2018. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portugues-brasileiro/decassegui/>. Acesso em: 23 out. 2018.

NOGUEIRA, R. P. P. O estrangeiro entre a arte e a psicanálise. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 114-117, 2008.

OCADA, F. K. **Nos Subterrâneos do Modelo Japonês – Os 3ks: Kitanai (sujo), Kiken (perigoso) e Kitsui (pesado)**. 2002. 168 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

OS 100 ANOS de imigração no Brasil. E os 20 anos no Japão. **Jornal da Unicamp**, Campinas, ed. 399, 16 a 22 jun. 2008. Disponível em: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2008/ju399pag6-7.html. Acesso em: 28 mai. 2018.

OKAMOTO, M. Y.; JUSTO, J. S.; RESSTEL, C. C. F. P. Imigração e desamparo nos filhos de dekasseguis. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 25, n. 50, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1980-85852017000200203&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 jan. 2019.

OLIVEIRA, A. C. O direito a ser (e continuar sendo) família no contexto da emigração Brasil – Japão. Desafios e desdobramentos. **REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, ano XVI, n. 31, p. 219- 228, 2008. Disponível em: <http://csem.org.br/remhu/index.php/remhu/article/view/101/93>. Acesso em: 28 mai. 2018.

RESSTEL, C. C. F. P. **Leitura psicanalítica de experiência de trabalho no Japão com Filhos de dekasseguis**. f.523 Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019.

SASAKI, E. M. A imigração para o Japão. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 99-117, mai./ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a09v2057.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2018.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

VÁRIOS AUTORES. **Centenário: contribuições da imigração japonesa para o Brasil Moderno e Multicultural**. [revisão Daniel Prata]. São Paulo, Editora Paulo's Comunicação e Artes Gráficas, 1.ed. 2010.

YANO, L. P. **Double limited (dupla limitação linguística): crianças residentes no Japão**. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/2206341/Double_Limited_dupla_limitação_linguística_. Acesso em: 27 ago. 2017.

Recebido em 23 de outubro de 2021

Aceito em 25 de novembro de 2021



Este artigo está licenciado sob a licença: [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). Ao submeter o manuscrito o autor está ciente de que os direitos de autor passam para a Revista Psicologia e Transdisciplinaridade.